

INFORMATIVO SÃO VICENTE

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO



EDITORIAL

Plano integrado de comunicação

Queridos irmãos e irmãs, a paz de Cristo. Já se foram seis meses de 2026, tempo de parar e agradecer a Deus pelo caminho percorrido e recobrar forças para a segunda metade do ano que nos avizinha.

Julho é um mês especial em nossa Igreja Católica, especialmente para a Congregação da Missão e demais ramos da Família Vicentina. Como Igreja, celebramos o mês do Preciosíssimo Sangue de Cristo, quando todos somos chamados a meditar sobre o infinito amor de Cristo que se sacrificou até a morte na cruz para a salvação da humanidade. Mês que nos chama também a celebrar a Caridade, cujo dia é celebrado anualmente no Brasil, no dia 19, data instituída pela Lei Nº 5.063 de 1966.

Em 2026, na PBCM, esse mês marca a segunda etapa da construção de nosso Plano Integrado de Comunicação. Se na primeira, de maio a junho, vivenciamos a fase de "Escuta e Diálogo", agora, de julho a setembro, experimentamos a fase de "Formação e Consolidação", para logo termos a terceira e última fase, de outubro a maio de 2027, "Lançamento e Frutos" do trabalho realizado em comunhão e participação.

O Plano Integrado de Comunicação da Província Brasileira da Congregação da Missão é um instrumento estratégico que organiza, orienta e integra todas as ações de comunicação da Província, para estejam em sintonia com sua missão evangelizadora, seus valores vicentinos e seus objetivos pastorais e institucionais.

Ele funciona como um guia que ajuda a compreender a realidade da Província, seus desafios, públicos, meios de comunicação e necessidades, permitindo definir objetivos, metas, estratégias e ações concretas de comunicação.

Esse plano busca unir comunicação interna e externa, fortalecendo a identidade vicentina, melhorando os processos de informação, evangelização e relacionamento com os diversos públicos: missionários, leigos, paróquias, obras sociais, benfeitores e sociedade. Assim, o Plano Integrado de Comunicação não se limita apenas à divulgação de conteúdos, mas promove uma comunicação estratégica, organizada e coerente com o carisma de São Vicente de Paulo e com a missão da Congregação da Missão no Brasil.

O Plano deseja melhorar nosso modo de comunicar, alcançando diretamente todos os canais da PBCM, inclusive este Informativo, que na presente edição, mais do que apresentar fatos e acontecimentos, queremos partilhar a vida de uma Congregação que segue em constante movimento, impulsionada pela missão de evangelizar, formar, promover vocações e servir aos mais pobres.

Em cada página, você encontrará sinais concretos de homens que, inspirados por São Vicente de Paulo, continuam respondendo com generosidade ao chamado de Cristo nas mais diversas frentes de missão. São histórias que testemunham uma Igreja viva, presente e comprometida com a esperança.

Que esta leitura fortaleça nossa comunhão, inspire novos passos missionários e nos recorde que o Evangelho continua sendo anunciado por meio de gestos concretos de fé e caridade.

Boa leitura!

Pe. Cleber Teodosio, CM

SUMÁRIO



Província Brasileira da
Congregação da Missão

Palavra do Visitador | pág. 4

Se temos ouvidos para ouvir...
Pe. Vandeir Barbosa, CM

Espaço dos seminaristas | pág. 6

Atravessando fronteiras, expandindo o coração
Sem. Andrés García, CM

Perfil in memoriam | pág. 8

Pe. José Isabel Campos, CM
Pe. Paulo Venuto, CM

Pastoral vocacional | pág. 10

Cristo, bom pastor e evangelizador dos pobres
Pe. Michel Araújo, CM

Família Vicentina | pág. 13

Herdeira e guardiã do carisma vicentino
Pe. Agnaldo Aparecido, CM

Entrevista | pág. 16

Jair Cardoso
Sacha Leite

Obras em destaque | pág. 18

Paróquias Jubilares
Pe. Juarez Carlos, CM
Pe. Raimundo João, CM
Isabel Rocha

Artigo | pág. 24

Uma radiografia das conquistas da classe trabalhadora no Brasil
Pe. Luiz Roberto Lemos, CM

Espiritualidade | pág. 28

Virtudes Vicentinas e a Doutrina Social da Igreja
Diác. Amauri Moura

Notícias da PBCM | pág. 29

Pe. Adriano Pires, CM
Rafael Castro
Mariano Lopes

Cultura | pág. 31

Dica de filme e de livro
Da redação

EXPEDIENTE

ISV Nº 335

INFORMATIVO SÃO VICENTE é uma publicação trimestral
da Província Brasileira da Congregação da Missão
ISSN 2596-2132

Direção Provincial 2023-2027

Visitador: Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM
Conselheiros: Ir. Adriano Ferreira | CM Pe. Denilson Matias, CM
Pe. Eduardo Santos, CM | Pe. Emanuel Bedê, CM

Redação

Responsável pela Comunicação da PBCM:
Pe. Cleber Teodósio, CM MTB 24288/MG
Jornalista Responsável: Sacha Leite MTB 30383/RJ

Colaboraram nesta edição

Pe. Adriano Pires | Pe. Agnaldo Aparecido | Amauri Moura
Pe. Cléber Teodósio | Isabel Rocha Vieira | Pe. Juarez Carlos
Pe. Luiz Roberto | Pe. Michel Araújo | Sem. Miguel Andrés José
Pe. Paulo Venuto | Rafael Castro | Mariano Lopes | Sacha Leite

Revisão

Cristina Vellaco, Mariano Lopes, Stephany Oliveira

Impressão e acabamento

Gráfica Printi

Site

pbcm.org.br/informativo

Contato da Redação

informativo@pbcm.org.br
Tel: (21) 3826-1431

Correspondência

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914
Centro Rio de Janeiro 20031-916

Tiragem desta edição

300 exemplares

Capa

Pascom da Paróquia São José Operário - Serra do Ramalho

Edição Fechada em 25/06/2026

As matérias e artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do Informativo São Vicente. Desde já, pedimos desculpas por possíveis equívocos ou imprecisões que o bondoso leitor relevará e corrigirá.

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM

Se temos ouvidos para ouvir...

Podemos dizer que realmente escutamos?

A espiritualidade vicentina enraíza-se e tem seu dinamismo na Encarnação. O Filho eterno de Deus desce do céu à terra, se abaixa, se humilha, torna-se servidor da humanidade, vem como o Bom Samaritano, faz-se próximo e misericordioso para com a humanidade ferida, e tem como Missão, dada por Deus Pai, na força do Espírito Santo, Evangelizar os Pobres, como está anotado no Evangelho de São Lucas “eu vim para evangelizar os pobres” (cf. Lc 4, 18). Na contemplação e no seguimento de Jesus, adorador do Pai e evangelizador dos pobres, São Vicente se descobre continuador da sublime missão do filho de Deus. Portanto, a espiritualidade e o carisma vicentino brotam e se alimentam no encontro íntimo com o Verbo Encarnado, onde o nosso coração se une ao coração de Cristo para responder a esse amor através da prática do amor ao próximo.

O olhar, o contemplar o rosto de Cristo, verbo encarnado, mantém o coração do missionário atuante por graça, capaz pelo empenho da caridade, da generosidade e da gratuidade que introduz nas camadas mais profundas da humanidade e da história a abundância do dom de Deus. A falta deste olhar, deste contemplar o rosto de Cristo, traduz-se na desmotivação, na perda da vitalidade e do compromisso, descentrando o coração rumo a motivos secundários que não nos satisfazem nem dão fruto para ninguém.

Da boca de Jesus ouvimos com frequência essa palavra do seu coração: “Quem tem ouvidos para ouvir,

ouça!” Se temos ouvidos para ouvir, podemos dizer, quase que automaticamente, que realmente escutamos? E que contemplamos o rosto de Jesus, que escutamos Jesus? Pois a escuta espiritual, passando pelo discernimento, é como estar pronto para...estar à espera do sinal para partir; é estar atento, diligente e fiel em todas as coisas diárias, grandes e pequenas, por amor. Todavia, sabendo ou não, estamos respondendo a cada momento, dizendo ‘sim’ ou ‘não’, abrindo nosso coração a Jesus ou o contrário.

Neste mês de junho, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, e inspirados pelo exemplo de São Vicente de Paulo, tocado pela misericórdia do Coração de Cristo, somos convidados a fazer memória e atualizar a misericórdia do Senhor que nos alcançou e transformou nossas vidas para sempre, na alegria do serviço, no fervor da missão pessoa-a-pessoa, na cativante beleza de Cristo, a força do perdão e da busca de uma vida reconciliada e saudável, a gratidão emocionante pela amizade que o Senhor oferece e pelo sentido último que Ele dá à vida.

Viver hoje o mistério da Encarnação é se reconhecer impulsionado pelo desejo de Deus a caminhar na prática da Sua vontade rumo a algo maior, - que nos arranca da insignificância da vida -, o Reino de Deus, e confiar n’Ele. Assim aconteceu com São Vicente, que experimentou em si mesmo a misericórdia de Deus e, depois de tê-la vivido e experimentado, pode derramá-la, anunciá-la a todas as pessoas, sobretudo no encontro com os pobres e sofredores, e orientar suas obras e projetos para



A espiritualidade e o carisma vicentino brotam e se alimentam no encontro íntimo com o Verbo Encarnado, onde o nosso coração se une ao coração de Cristo para responder a esse amor através da prática do amor ao próximo.

o serviço integral, evangélico e organizado na promoção e cuidado dos pobres abandonados. Isso foi uma verdadeira conversão do coração e um “novo ordenamento” da vida a partir do coração centrado no mistério da Encarnação a serviço de toda a Igreja.

Para isto, São Vicente de Paulo nos pede para cultivar a devoção ao Santíssimo Sacramento que ajuda a dar estabilidade a nossas vidas e configurar nossos sentimentos aos de Jesus Cristo, num mundo marcado pela “liquidez”, pela superficialidade, pelo consumismo e egoísmo, e por inúmeras distrações; São Vicente nos estimula a buscar o Encontro com o Senhor na oração, na Palavra de Deus, na Eucaristia e na adoração da presença real do Senhor no Santíssimo Sacramento, onde recebemos novo impulso missionário, tornamo-nos pessoas “mais eucarísticas” e abertas a esse “amor inventivo até o infinito”, homens e mulheres que, por graça divina, reconhecem a encarnação contínua do Filho de Deus nos pobres de hoje (cf. Regras Comuns da Congregação da Missão, X, 2; Constituições da CM, 48).

Do mesmo modo, São Vicente de Paulo, atento ao pedido de Jesus – “Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração” (cf. Mt11,28) –, nos oferece a riqueza das virtudes vicentinas – simplicidade, humildade, mansidão, mortificação e zelo apostólico –, e dentre elas, destacamos as virtudes da humildade e mansidão por serem muito ligadas ao Coração de Jesus. É tempo oportuno para pedir ao Senhor, durante nossa oração, sobre-

tudo neste mês, o dom de acolher estas duas virtudes tão queridas ao seu Coração e de exercitá-las para promover o crescimento da vida missionária das nossas Comunidades Vicentinas e da Igreja, para testemunhar mais o amor, a concórdia e a fraternidade onde vivemos, para ganhar os corações para o Reino de Deus praticando a ternura e a mansidão em lugar da força e da dominação que fazem valer os interesses individuais e não tanto os de Deus e seu Reino (cf. Papa Leão XIV, Magnifica Humanitas, 16 e 239).

Peçamos a intercessão de São Vicente de Paulo para que nos ajude a acolher sempre Jesus Cristo, regra da nossa vida, vocação e missão; ele, que, numa das suas cartas a um de seus colaboradores mais íntimos, o Pe. Antônio Portail, revela, através de seus sentimentos, o lugar central que Jesus Cristo ocupa na sua vida e no seu pensamento : “Lembraí-vos, senhor padre, que vivemos em Jesus Cristo pela morte de Jesus, e que devemos morrer em Jesus Cristo pela vida de Jesus Cristo, e que nossa vida deve permanecer escondida em Jesus Cristo e plena de Jesus Cristo, e que, para morrer como Jesus Cristo, é preciso viver como Jesus Cristo” (Carta 197, A Antônio Portail, Padre da Missão). ■



Sem. Miguel Andrés García Juárez, CM

Atravessando fronteiras, expandindo o coração

Uma Experiência Vicentina no Brasil

Quando comecei a escrever, não sabia por onde começar: desde o momento em que soube que teria essa experiência fora do meu país natal; desde o instante em que deixei minha terra natal; ou talvez desde o momento em que pisei pela primeira vez em solo estrangeiro.

Assim, fiel ao pedido que recebi, compartilharei minha experiência no Brasil desde o momento em que cheguei e pisei neste país que, pouco a pouco, também se tornou parte da minha jornada.

Olhando para trás, penso que toda experiência de partida carrega consigo algo do chamado que Deus fez a Abraão: “Saia da sua terra, da sua parentela e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei” (Gênesis 12:1). Sem saber exatamente o que encontraria, também embarquei nesta jornada confiando que, mesmo no desconhecido, Deus já me esperava.

Ao longo de nossas vidas, passamos por diferentes etapas; vivenciamos mudanças, assumimos novas responsabilidades e deixamos para trás certas seguranças para nos abirmos a novas experiências. Entre essas mudanças, em algum momento, vem a separação da família. No início, não é fácil: deixar o lar, os costumes e os afetos cotidianos. No entanto, aos poucos, aprende-se a seguir em frente, a se adaptar e a descobrir novas formas de se sentir conectado. Foi o que aconteceu comigo quando cheguei ao Brasil, um lugar completamente diferente do meu país, o México.

Um dos primeiros desafios foi o idioma. Ouvir e aprender uma nova língua foi o primeiro desafio que encontrei. No início, parecia uma barreira, um desafio constante para entender e me fazer entender; mas, com o passar dos dias, tornou-se também uma oportunidade

para praticar a paciência, a humildade e a abertura. Junto com o idioma, outras mudanças também chegaram: a cultura, a comida, os horários, o modo de vida e até pequenos detalhes do cotidiano que gradualmente me mostraram uma nova maneira de viver.

Como escreveu Mircea Eliade, “o encontro com o outro pode abrir uma nova compreensão do mundo e de si mesmo”. De certa forma, o Brasil tem sido isso para mim: uma nova terra que não só me apresentou outra cultura, mas também me ajudou a redescobrir-me interiormente.

Chegar ao Brasil significou muito mais do que simplesmente mudar para outro país. Foi uma oportunidade de continuar crescendo em minha jornada vocacional e de mergulhar mais profundamente, a partir de uma nova perspectiva, na riqueza do carisma vicentino. Este tempo no Brasil tornou-se uma experiência de encontro, aprendizado e transformação, marcada pela missão, fraternidade e a descoberta de Deus presente no cotidiano.

Um dos maiores presentes desta experiência tem sido o encontro com as pessoas. O calor, a alegria e a simplicidade do povo brasileiro me ensinaram muito sobre a proximidade humana e a importância de construir comunidade. Em cada gesto de acolhimento, em cada conversa e em cada momento compartilhado, pude descobrir algo da face de Deus manifestada através dos outros.

Aqui, o convite do Evangelho ressoa poderosamente: “Eu era estrangeiro e vocês me acolheram” (Mt 25,35). Vivenciei precisamente isso em muitas pessoas: a graça de ser acolhido, de se sentir recebido e acompanhado, mesmo longe de casa.

A partir da espiritualidade vicentina, viver no Brasil

também significou renovar meu olhar para os mais necessitados. O carisma que nos convida a reconhecer Cristo nos pobres assumiu um significado mais concreto e profundo ao entrar em contato com diversas realidades humanas e sociais. Compreendi, mais uma vez, que a missão consiste não apenas em ajudar, mas também em nos deixarmos evangelizar por aqueles a quem somos enviados, aprendendo com sua força, sua esperança e sua fé.

Nesta jornada, também me acompanhou o eco das palavras de São Vicente de Paulo: “Não basta amar a Deus se não amar o próximo”. Servir, então, não é apenas cumprir uma tarefa, mas aprender a olhar para os outros com compaixão, respeito e verdadeira proximidade.

A vida comunitária e pastoral também tem sido uma fonte constante de aprendizado. Compartilhar a fé, servir ao lado de outros e participar de novas expressões da vida eclesial me permitiu ampliar minha compreensão da Igreja como uma família diversa, vibrante e aberta. A experiência pastoral, os encontros com as pessoas e cada pequeno ato de serviço são oportunidades para reafirmar meu desejo de continuar oferecendo minha vida com simplicidade e generosidade.

Ao mesmo tempo, este tempo no Brasil é um convite à introspecção. Estar longe da minha terra natal, da minha cultura e de muitas seguranças familiares me levou a confiar mais plenamente em Deus. Aprendi a viver com mais simplicidade, a valorizar mais profundamente as pequenas coisas e a reconhecer que é, muitas vezes, em meio ao desconheci-

do que o Senhor continua a moldar nossos corações.

Penso aqui nas palavras de Santo Agostinho de Hipona: “Não saia, volte para si mesmo; a verdade reside dentro de você”. Paradoxalmente, ao deixar minha terra natal, também pude mergulhar mais fundo em mim mesmo.

E, ao longo desse caminho, experimento a certeza da promessa do Senhor: “Estarei sempre convosco, até o fim dos tempos” (Mateus 28:20). Mesmo na distância, mesmo na novidade, nunca caminhei sozinho.

Hoje, olhando para trás, para as minhas experiências, só posso agradecer. O Brasil está deixando sua marca em minha vida, não apenas pelas experiências que acumulo, mas também pela transformação interior que proporciona. Essas lições me ajudam a renovar minha convicção de seguir a Cristo à maneira de São Vicente de Paulo, tornando cada vez mais claro que seguir a Cristo significa estar sempre disposto a ser movido, surpreendido e enviado. Cruzar fronteiras significou muito mais do que mudar de lugar; significou permitir que meu coração se expandisse para acolher novos rostos, novas histórias e novas maneiras de descobrir Deus. Sei que minha experiência no Brasil ainda não terminou; ainda tenho algum tempo pela frente, e não tenho dúvida de que este período nesta terra é, sem dúvida, um verdadeiro presente e um caminho de graça que continuará a acompanhar minha vida e minha missão. ■





Pe. Paulo Venuto, CM

Pe. José Isabel Campos, CM

Um pequeno grande homem

Em 15 de junho de 1964, um grupo de vizinhos do Seminário, residentes no Largo Dom João e membros da "Guarda de Honra" que funcionava no Seminário, posam para a fotografia. Pe. Campos, figura ao centro.

Quem o visse, pequeno em estatura e metido numa batina que poderia caber em qualquer coroinha, conversando com os seminaristas filósofos e teólogos, poderia pensar que se tratava de um deles. Ledo engano! Era o Superior do Seminário, professor de todos eles que o rodeavam, falando de altos tratados de teologia ou de trechos da Sagrada Escritura. Todos nós do Largo Dom João, vizinhos do Seminário, sabíamos distinguir muito bem quem era quem. Distinguíamos, de longe, o Pe. Campos, o pequeno de estatura, de outros conhecidos, ali presentes, que, mais tarde, se tornariam bispos, como o Geraldo Gusmão (depois, Bispo de Palmas, no Tocantins) ou o Leonardo Miranda (mais tarde, Bispo de Paracatu, Minas Gerais) ou mesmo Waldeimar Araújo (anos depois, Bispo de São João Del Rei).

Era assim que víamos o Pe. José Isabel Campos, o padre alegre, próximo a todos nós, vizinhos e frequentadores do Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus, na lendária Diamantina. No entanto, ainda não sabíamos dos quilates de sabedoria e do preparo intelectual que carregava aquele padre baixinho, amigo e sempre sorridente.

Pe. José Isabel da Silva Campos nasceu na cidade de Bonfim, em Minas Gerais, no dia 8 de julho de 1926.

Portanto, cem anos a se completarem. Fez seus estudos preparatórios para o sacerdócio, primeiramente, na Escola Apostólica Nossa Senhora Mãe dos Homens - Caraça, aonde chegou em 1939. De lá, foi para o Seminário São Vicente de Paulo, Petrópolis, entrando no noviciado, em 3 de fevereiro de 1945. Aí, fez a filosofia e a teologia e foi ordenado sacerdote, no dia 12 de outubro de 1952.

Nos anos seguintes, vamos encontrá-lo no Seminário de Diamantina como professor e disciplinário, e, de 1960 até 1964, na função de Superior e professor de filosofia e teologia. Foi quando mais próximo o víamos celebrando na Basílica, onde, como coroinhas, ajudávamos nas missas dos vários padres que lá moravam. A seu respeito, não dá para esquecer o pormenor de um banquinho, ao lado do altar mor, que devíamos colocar para ele subir e alcançar o sacrário. Sem ser tão menor do que ele, minha mãe, ao vê-lo no altar, temia que eu não crescesse como o celebrante!

Depois de 97 anos da presença de grandes mestres na direção do Seminário, o Padre Campos foi o último Lazarista a conduzir o Seminário. Tudo começou quando, em 1961, o então Bispo de Diamantina, Dom Geraldo de Proença Sigaud, em uma cerimônia de ordenação na Basílica, condenou ferrenhamente a Nova Teologia francesa, da qual muitos Lazaristas eram adeptos. Iniciou-se, assim, uma série de desentendimentos que culminou na saída da

direção dos padres da Congregação da Missão, no dia 15 de junho de 1964. “A retirada dos Padres Lazaristas foi causa de grande choque para todos. Tanto nos seminaristas como no povo aqui residente. Na véspera de irmos em férias, houve a despedida dos Srs. Padres à porta da Basílica. Foi tão emocionante que diversas mulheres diamantinenses choraram” (Crônica do SSCJ).

Após os acontecimentos da tumultuada saída dos Padres Lazaristas de Diamantina, o Pe. Campos foi estudar Sagrada Escritura em Roma e em Jerusalém. Décadas mais tarde, voltou ao Seminário de Diamantina, para lecionar Sagrada Escritura, assim como no Seminário de Montes Claros. Em 1970, foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade da Província de Belo Horizonte, ministério que exerceu por 9 anos. Trabalhou como vigário na Paróquia de Santana, em Itaúna, Diocese de Divinópolis, enquanto dava assistência aos seus pais idosos.

Foi, também, vigário na Paróquia Santo Antônio, na Pampulha. Participou na criação do curso de filosofia no Instituto São Vicente de Paulo de Paulo. Foi pároco na Paróquia São José do Calafate, em 1994, e capelão do Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, de 1996 a 1997.

Em Brasília, em 1998, foi vigário na Paróquia N. Senhora das Graças e professor.

Foi dono de um vasto conhecimento da liturgia, sendo também tradutor de passagens bíblicas para o português da edição da bíblia da CNBB. Dentre alguns de seus trabalhos, está a tradução de alguns pergaminhos encontrados em escavações no Oriente, para o francês e, posteriormente, para o português. Padre Campos era um grande estudioso, dominava vários idiomas, dentre eles, francês, inglês, hebraico, aramaico, espanhol, árabe. Foi também professor na PUC-Minas, em Belo Horizonte.

Muitos de nós carregamos boas lembranças desse coirmão jovial, apesar da idade; fervoroso lazarista, muito preocupado com o futuro da Congregação, não lhe faltando algum gracejo com as situações hilariantes que lhe aconteciam no seu carrinho, um Fiat 147.

Deixou-nos no dia 12 de janeiro de 2016, prestes a completar 90 anos. Certamente, continua, junto da Santíssima Trindade e, principalmente, na companhia de São Vicente, com suas reflexões interessantíssimas e acaloradas. ■

A família do Pe. Paulo Venuto, CM: pai, irmãos, tias e os padres Montalvão, Vicente, Geraldino e Campos, muito amigo de todos, à portaria do Seminário São Vicente, em Petrópolis, em 21 de Setembro de 1964. Foto: Francisco Nelson.



.....
*As vocações florescem onde existe uma vida
 que vale a pena ser seguida. Florescem onde
 se encontra uma comunidade verdadeiramente
 fraterna. Florescem onde os pobres são
 amados concretamente. Florescem onde Cristo
 ocupa o centro.*

Pe. Michel Araújo, CM

Cristo, bom pastor e evangelizador dos pobres

A identidade do missionário vicentino como vocação à comunhão

A vocação nasce de um encontro. Antes de ser uma escolha humana, ela é resposta a uma iniciativa divina. O missionário vicentino não é, em primeiro lugar, alguém que realiza uma atividade pastoral específica, mas alguém que foi alcançado pelo olhar de Cristo e chamado a participar de sua própria missão. A identidade da Congregação da Missão encontra sua fonte mais profunda não em uma obra, uma estrutura ou uma tradição histórica, mas na pessoa de Jesus Cristo, enviado pelo Pai para evangelizar os pobres e reunir na unidade os filhos de Deus dispersos (cf. Jo 11,52).

São Vicente de Paulo compreendeu essa verdade de maneira singular. Toda a sua experiência espiritual e missionária nasceu da contemplação de Cristo Evangelizador dos Pobres. Por isso, insistia continuamente que os membros da Congregação deveriam revestir-se do espírito de Jesus Cristo e configurar suas vidas àquele que veio anunciar a Boa Nova aos pobres. Não se trata de uma simples imitação exterior, mas de uma profunda conformação interior, capaz de fazer do missionário uma presença viva de Cristo no mundo.

Essa configuração a Cristo conduz inevitavelmente ao encontro com os pobres. Contudo, para São Vicente, os pobres não constituem apenas um campo de ação

apostólica. Eles ocupam um lugar teológico privilegiado. Nos pobres, Cristo continua presente; nos pobres, Cristo continua a falar; nos pobres, Cristo continua a interpelar a Igreja. Por isso, servir os pobres é muito mais do que responder a necessidades materiais. É entrar num mistério de fé.

A tradição vicentina sempre compreendeu que os pobres não são somente destinatários da evangelização, mas também sujeitos que evangelizam aqueles que deles se aproximam com espírito de humildade. O missionário aprende a reconhecer que sua própria conversão passa pelo encontro com os rostos concretos da pobreza. Diante deles, caem as ilusões de autossuficiência, as pretensões de poder e as falsas seguranças. Os pobres revelam a verdade do Evangelho porque manifestam, muitas vezes de maneira dramática, a radical dependência de Deus que caracteriza toda a existência humana.

Mas a fidelidade aos pobres não pode ser separada da fidelidade à Igreja. Cristo e Igreja não constituem realidades opostas. Aquele que ama verdadeiramente os pobres não pode deixar de amar a Igreja, pois foi a ela que o Senhor confiou a missão de anunciar o Reino. Da mesma forma, o amor autêntico à Igreja não pode ignorar os pobres, pois eles ocupam um lugar central no coração do Evangelho.



Domínio Público / Wikimedia Commons

"Jesus institui a eucaristia", de José Teófilo de Jesus. A obra integra coleção do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

Por isso, o missionário vicentino é chamado a ser profundamente homem da Igreja. Não de uma Igreja idealizada ou imaginária, mas da Igreja concreta, peregrina na história, marcada simultaneamente pela santidade de sua origem e pela fragilidade de seus membros. Amar a Igreja significa participar de suas alegrias e sofrimentos, assumir suas esperanças e desafios, colaborar com sua missão e contribuir para sua contínua conversão ao Evangelho.

Essa pertença eclesial exige maturidade espiritual. Em tempos marcados por divisões, suspeitas mútuas e polarizações crescentes, a tentação de reduzir a vida da Igreja a disputas ideológicas torna-se cada vez mais presente. Muitas vezes, categorias políticas, culturais ou grupais passam a ocupar o lugar que pertence exclusivamente a Cristo. Quando isso acontece, a comunhão eclesial enfraquece e a missão perde sua força evangelizadora.

A Congregação da Missão, por sua própria vocação, é chamada a oferecer um testemunho diferente. São Vicente de Paulo foi um homem de comunhão. Soube dialogar com diferentes sensibilidades presentes na Igreja de seu tempo sem jamais perder a centralidade do Evangelho. Sua preocupação não era defender facções ou ali-

mentar divisões, mas servir a missão de Cristo e o bem dos pobres.

Também hoje, os missionários vicentinos são chamados a resistir à lógica das polarizações. Não lhes cabe alimentar disputas estéreis nem transformar diferenças legítimas em barreiras intransponíveis. A vocação vicentina pede homens capazes de construir pontes onde outros erguem muros; homens capazes de escutar onde prevalece a condenação; homens capazes de promover encontros onde predominam as divisões.

Essa tarefa não nasce de uma postura diplomática ou de uma neutralidade indiferente. A comunhão cristã não é ausência de convicções. Ao contrário, ela nasce da convicção mais profunda de todas: a de que Cristo é maior do que qualquer grupo, corrente ou ideologia. A verdadeira unidade não se constrói pela eliminação das diferenças, mas pela capacidade de ordená-las em torno daquele que é o centro da vida da Igreja.

Por isso, o missionário vicentino é chamado a tornar visível, em sua própria vida, o mistério da comunhão trinitária. Sua fraternidade não pode ser apenas organizacional; deve ser espiritual. Sua obediência não pode ser apenas jurídica; deve ser evangélica. Sua missão não pode ser apenas funcional; deve ser expressão concreta



St Vincent de Paul Image Archive / depaul.edu

São Vicente de Paulo foi um homem de comunhão. Soube dialogar com diferentes sensibilidades presentes na Igreja de seu tempo sem jamais perder a centralidade do Evangelho.

da caridade de Cristo.

Talvez um dos maiores desafios da Congregação da Missão em nossos dias não seja simplesmente a diminuição numérica das vocações, mas a necessidade de testemunhar, com renovada autenticidade, a beleza da vocação vicentina. As vocações florescem onde existe uma vida que vale a pena ser seguida. Florescem onde se encontra uma comunidade verdadeiramente fraterna. Florescem onde os pobres são amados concretamente. Florescem onde Cristo ocupa o centro.

Mais do que preocupar-nos apenas com números, somos convidados a perguntar-nos sobre a qualidade evangélica de nosso testemunho. O Senhor continua chamando. A questão fundamental talvez seja se nossa vida manifesta com suficiente transparência a alegria do seguimento, a radicalidade da missão e a beleza da fraternidade.

O futuro da Congregação não depende primeiramente de estratégias vocacionais, mas da fidelidade ao carisma recebido. Quanto mais nos aproximarmos de Cristo Evangelizador dos Pobres, mais nos aproximaremos também uns dos outros. Quanto mais vivermos a comunhão, mais credível será nossa missão. Quanto mais servirmos os pobres com humildade e amor, mais o Evangelho resplandecerá em nossa vida.

Assim, a vocação vicentina continuará sendo aquilo que sempre foi desde São Vicente: um chamado a seguir Jesus Cristo, Bom Pastor e Evangelizador dos Pobres, servindo à Igreja e aos pobres como homens da comunhão, capazes de testemunhar, em um mundo fragmentado, que a unidade é possível quando Cristo permanece no centro de tudo. ■



Pe. Agnaldo Aparecido, CM

Herdeira e guardiã do carisma vicentino

Encontros e linhas de ação da Família Vicentina do Brasil

A Família Vicentina (FV) é uma rede mundial de congregações, organismos, institutos, movimentos, associações, grupos e pessoas que, de forma direta ou indireta, prolongam no tempo o carisma vicentino, sejam eles fundados diretamente por São Vicente de Paulo, ou encontrem nele a fonte de sua inspiração e dedicação ao serviço dos pobres. Num movimento constante de fidelidade criativa ao Espírito, o carisma vicentino, há mais de 400 anos, sempre desafiado pelas circunstâncias dos tempos, lugares e estruturas, tem se mostrado vivo e atual. A busca permanente de conversão dos seus membros e das suas estruturas tem se mostrado condição essencial para o testemunho afetivo e efetivo do amor misericordioso e libertador de Jesus Cristo no serviço aos mais pobres. “Crescemos juntos, em um carisma comum”.

Devido ao dinamismo da vida, dos grupos e da diversidade de formas de associação e pertença, não se sabe atualmente o número exato de membros da Família Vicentina. Sabe-se que ela está presente em cinco continentes e em 170 países, com mais de dois milhões de membros e mais de quatro milhões de seguidores.

Os laços que garantem a pertença à Família Vicentina variam de acordo com o grau de afinidade e especi-

ficidade de cada ramo, podendo ser: a) O reconhecimento de São Vicente de Paulo como fundador ou como fonte de inspiração; b) Uma acentuada orientação para o serviço dos pobres; c) Uma espiritualidade baseada na de São Vicente, com ênfase especial na caridade concreta e prática, vivida na simplicidade e na humildade.

Ir. Ellen Marie Hagar, FC, atual secretária executiva do Escritório Internacional da Família Vicentina, afirma que da escuta aos membros da FV, bem como da escuta a um consultor profissional, emergiram os seguintes pontos fortes da FV: a) Carisma unificado de serviço radical aos pobres e marginalizados, com forte impacto global e presença extensa: apesar da nossa diversidade como ramos, todos partilhamos este carisma centrado em Cristo como evangelizador e servo dos pobres; b) Tem havido uma evolução positiva do que significa ser vicentino e conhecer São Vicente de Paulo e o carisma vicentino; c) Existe uma paixão vicentina entre nós; d) Um vasto número e diversidade de seguidores; e) Os jovens adultos fazem parte do carisma. Emerge a consciência cada vez mais forte de que os verdadeiros herdeiros e guardiões do Carisma Vicentino, vão além dos Ramos tradicionais. A Família Vicentina é verdadeiramente esta herdeira e guardiã.



A proposta de organização da Família Vicentina tem suas origens, no Brasil, no final da década dos anos 1970, e se apoia na convicção e responsabilidade missionária dos seus membros a serviço do Reino, na força profética e dinamizadora do Carisma Vicentino. Animados pela força da caridade, com criatividade e abertura, procuram criar mecanismos para uma efetiva colaboração mútua, aprofundando as atuais exigências do Carisma Vicentino e respondendo juntos aos atuais e urgentes clamores dos pobres. Atualmente, a estrutura organizacional da FV é a seguinte: Coordenação e Secretariado Internacional, Coordenações Continentais, Nacionais, Regionais e Locais, conforme as demandas e extensão territoriais. No Brasil, a FV possui um Conselho Nacional e Coordenações regionais e/ou locais em vários estados.

A Família Vicentina, no Documento “Mantendo o fogo aceso para ser peregrinos da Esperança”, resultado da 2ª Convocatória Internacional, ocorrida em Roma, 14-17/11/2024, além do compromisso de implementar internamente o modelo de Igreja Sinodal, assumiu 10 Linhas Estratégicas de Ação. O Documento afirma: “Estas iniciativas visam influenciar todos os níveis de nosso ecossistema vicentino. Elas se concentram em me-

lhorias imediatas e sustentabilidade a longo prazo, assegurando que a Família Vicentina possa enfrentar efetivamente os desafios globais, permanecendo fiel à sua missão de servir aos pobres e marginalizados”.

Eis as 10 linhas de ação apresentadas pelo documento da 2ª Convocatória Internacional da FV: 1) Envolvimento dos jovens – Revitalização e continuidade – “Vinde e vede” (Jo 1,39-41); 2) Alcance global – Impacto da presença nas Nações Unidas; 3) Ecossistema Vicentino: confiabilidade, sustentabilidade, infraestrutura de comunicação; 4) Protocolo de proteção para crianças e pessoas vulneráveis; 5) Educação para transformação social – Consórcio Global de Instituições Educacionais Vicentinas (CIEV); 6) Acesso e apoio à saúde; 7) Estabelecer uma Rede Global de Fundações Vicentinas (ou PJPs – Pessoas Jurídicas Públicas) para fornecer às organizações vicentinas apoio, aconselhamento e partilha das melhores práticas; 8) Cultura Vocacional – Construindo pontes vocacionais dentro da Família Vicentina; 9) Criação e fortalecimento dos Conselhos Nacionais; 10) Comissão de Formação – reinterpretação do Carisma.

Estas Linhas de Ação foram reafirmadas pela Família Vicentina no 10º Encontro Latino-Americano e Caribenho (Lima/Peru, 29/4-3/5/2026) e no 18º Encontro

Nacional da Família Vicentina (Fortaleza/CE, 4-7/6/2026). No entanto, sem o conhecimento e comprometimento das pessoas, grupos, núcleos e Comunidades Locais, as Linhas de Ação correm o alto risco de serem letra morta ou mais uma bonita declaração de boas intenções.

O Encontro Latino-americano e Caribenho no Perú, com o tema: “Crescemos juntos em um Carisma vivo”, contou com a participação de 105 pessoas, de 19 países, representando 15 Ramos da Família Vicentina, 5 Confraternidades e Consórcio de Instituições Educativas Vicentinas (CIEV). O método Ver-Julgar-Agir, criado na década de 1920 pelo padre belga Joseph Cardijn para a Ação Católica, amplamente adotado e popularizado pela Igreja, especialmente na América Latina, foi utilizado durante o Encontro com algumas variações: para o Julgar, foi utilizada a terminologia Discernir e acrescentada a etapa do Celebrar.

Na etapa do VER, os encontristas foram convidados a Ler e Escutar a vida e a história: contextos histórico-existenciais, incluindo a tomada de consciência da realidade da Família Vicentina nos vários países, das Confraternidades, do CIEV e do trabalho realizado pelo Secretariado Internacional e pelo Conselho Latino-americano e Caribenho da Família Vicentina.

No DISCERNIR (Julgar), Ada Ferreira, Sebastian Gramajo, Pe. Agnaldo e Ir. Rosa Povis narraram experiências de vida e trabalho, fundamentadas com citações da Palavra de Deus, da Doutrina Social da Igreja e do Carisma e da Espiritualidade Vicentinos, visando iluminar a realidade apresentada anteriormente. Nesta etapa também foram apresentadas reflexões sobre a Sinodalidade e a Missão Compartilhada (Pe. Guillermo Campuzano, CM); Síntese do Plano Trienal 2023-2026: análise e desafios (Comissão de Síntese) e Desafios, Oportunidades e Linhas de Ação Globais da FV – Convocatória de Roma 2024 (Pe. Guillermo, CM), além de trabalhos em Grupos e Plenária, com o objetivo de apresentar as Linhas de Ação para o novo Plano Trienal da FAVILA (Família Vicentina Latino-americana e Caribenha).

Na fase do AGIR, os participantes foram convidados a passar do Discernimento à Missão: Plano Trienal da FAVILA. Para os trabalhos em grupo e plenária, os encontristas receberam preciosas contribuições advindas das reflexões apresentadas pela Ir. Ellen Marie Hagar, FC “Cuidar do ecossistema vicentino” e pela Comissão de Síntese, que apresentou as “Linhas de ação propostas para o plano trienal da FAVILA”, fruto do trabalho dos grupos na etapa anterior.

A última etapa do Encontro foi a CELEBRAÇÃO com as comunicações e apresentação das novas lideranças. Pe. Guillermo Campuzano apresentou a reflexão com o título “Comunicação, Formação, Encontro: cons-

truindo pontes que sustentam a comunhão e animam nossa missão”; Wendy F., tesoureira da FAVILA, fez a prestação de contas chamando à “Corresponsabilidade e subsidiariedade na sustentabilidade da estrutura da FAVILA” e German Sánchez, Coordenador do Conselho FAVILA, apresentou os membros do Novo Conselho FAVILA, que será coordenado no triênio 2026-2029 por Juancarlos Reaño Paiss, presidente da SSVF no Perú. O Novo Conselho FAVILA, contemplando as mudanças feitas no Regimento para atender ao compromisso de implementar internamente o modelo de Igreja Sinodal e maior representatividade, além dos 7 representantes dos Ramos da FV, foi ampliado com a participação dos representantes das seis regiões latino-americanas e caribenhas (Andina, Cone Sul, Centro-américa, Caribe, Brasil e México), com dois representantes das confraternidades e um representante do CIEV. O Encontro foi encerrado com o envio missionário e o compromisso de repasse e encaminhamento das reflexões e linhas de ação nos encontros nacionais.

No Brasil, o encontro para o repasse e encaminhamentos da FAVILA, ocorreu no 18º Encontro Nacional da Família Vicentina, celebrado em Fortaleza, de 4 a 7/6/2026, com o tema: “Crescendo juntos na caridade – fortalecidos na missão vicentina” e o Lema: “Abrasar o coração para fazer o que fez o filho de Deus” (SV). Este Encontro, riquíssimo em inúmeros aspectos (relacional, formativo, espiritual, cultural e partilhas de experiências de projetos com os pobres), contou com a participação de 65 pessoas, representantes de 12 Ramos da Família Vicentina no Brasil (FAVIBRA), e a extraordinária assessoria do Pe. Guillermo Campuzano, CM. Mesmo dispondo de um menor espaço de tempo foi seguida a metodologia utilizada no 10º Encontro FAVILA.

O Carisma Vicentino é um precioso e necessário Dom para os Pobres, a Igreja e o Mundo. O Carisma Vicentino é uma sublime Graça concedida por Deus a São Vicente de Paulo, que o estendeu aos cuidados da Família Vicentina, chamada a ser não apenas herdeira, mas guardiã deste tesouro. Por este tesouro, aquele que o encontrou, “cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui para o adquirir” (Mt 13,44-46). Conheça os Documentos do 10º Encontro Latino-americano e Caribenho (FAVILA) e do 18º Encontro Nacional da Família Vicentina (FAVIBRA) e veja como concretizá-lo em sua Comunidade, com os membros do seu Ramo FV, com os demais Ramos, com outros Grupos, Pastorais, Movimentos e Organismos Eclesiais e da Sociedade Civil. Não podemos enterrar ou tratar com mediocridade algo tão precioso, sob o risco de ouvirmos (parafraseando) as palavras do Senhor: este Dom (Carisma) “... será tirado de vocês e será entregue a um povo que o fará frutificar” (Mt 21,43). ■

Sacha Leite

Jair Cardoso

Professor é eleito coordenador da Família Vicentina regional do RJ de Janeiro

Natural de Cuiabá, Mato Grosso, o missionário Jair Cardoso Alves Neto assumiu a coordenação da Família Vicentina regional do Rio de Janeiro, no início deste ano. Também em 2026, pela primeira vez, a presidência do Conselho Nacional do Brasil (CNB) da Sociedade São Vicente de Paulo foi assumida por uma leiga, a Consócia Elisabete Maria Castro, em sintonia com o propósito da Igreja de envolver lideranças leigas em suas atividades. Entrevistamos o professor Jair, que escolheu o lema “Missão e doação” para inspirar a sua trajetória na coordenação.

Como o senhor recebeu a notícia de sua nomeação como coordenador regional da FV do Rio de Janeiro?

A partir de uma reunião realizada ao final do ano passado. Na ocasião, o Pe. Túlio, CM, e o Diác. Cristiano, CM, explicaram que a Família Vicentina tem proposto um protagonismo dos leigos. Em fevereiro, fui eleito coordenador do próximo triênio. Diác. Cristiano, CM, fi-

cou como tesoureiro e Neide, secretária. Recebi uma missão importante dentro do regional, de estar à frente, articulando entre os oito ramos presentes no regional do Rio de Janeiro: AIC, Congregação da Missão, Filhas da Caridade, Irmãs de Gysegem, Misevi, SSV, AMM e a JMV. No mundo inteiro, a Família Vicentina se ramifica em mais de 200 entidades.

Poderia compartilhar um pouco de sua trajetória como vicentino?

Quando criança, em Cuiabá (MT), tive grande vivência paroquial; minha família é muito religiosa e eu costumava participar das atividades da paróquia Coração Imaculado de Maria. Fui coroinha. Às vezes ajudava os vicentinos com os projetos sociais e na arrecadação de alimentos para famílias assistidas. Crescendo, vim para o Rio de Janeiro e continuei próximo aos vicentinos. O laço aumentou quando entrei no Colégio São Vicente como educador, em 2018. Em seguida, comecei a participar das atividades dos Missionários Seculares Vicentinos (Misevi), ajudando nos projetos sociais da PBCM e do Colégio. Também costumava ajudar na Pastoral do povo da rua, em Niterói.

Fale também sobre a sua formação, por favor.

Tenho formação em Filosofia, Teologia e vim para o Rio de Janeiro fazer mestrado em Direito Canônico. Cheguei a dar aulas no Seminário de Niterói e no de Cuiabá. Ministrei aulas, na educação básica, de Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso. Tenho também licenciatura em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia.

Em sua visão, quais são os principais desafios enfrentados atualmente pela Família Vicentina no estado do Rio de Janeiro?

O maior desafio hoje é fazer com que exista uma maior renovação de jovens na FV. Noto que os ramos estão começando a ficar um pouco envelhecidos. Precisamos de jovens dispostos a dar conta do carisma, em cada ramo.





Encontro mensal da FV regional do Rio de Janeiro, no Colégio São Vicente de Paulo, em agosto de 2025.

Como fortalecer a comunhão e a colaboração entre os diversos ramos da Família Vicentina presentes no Rio de Janeiro?

Através do diálogo, das conversas. Pretendemos fazer visitas em cada ramo, ouvir, saber das necessidades, com reuniões mensais, projetos em comum, projetos sociais e das SMPV, que temos a cada ano, no mês de janeiro. E do momento da comunhão da família vicentina, realizado sempre no mês de maio, no Colégio São Vicente. Também pretendemos alcançar uma maior integração na festa regulamentar de São Vicente de Paulo, em setembro.

São Vicente de Paulo insistia na unidade entre caridade e evangelização. Como esse ensinamento pode inspirar as ações da Família Vicentina hoje?

Justamente fortalecendo o vínculo da oração, mas também o veículo da ação. Olhar para os que estão à margem da sociedade, de fato olhar como o próprio Cristo sofredor, o Cristo pobre. E vendo de fato o Cristo no pobre, sabendo que oração e serviço fazem parte da espiritualidade vicentina. Conciliar um pouco o que Marta e Maria fizeram, uma na oração e outra no serviço.

De que forma a FV pode responder às novas realidades de pobreza e exclusão que marcam a sociedade?

Não só através de campanhas, mas também no acompanhamento afetivo e efetivo dos mais pobres e necessitados.

Qual é o papel dos leigos na vivência e na difusão do carisma vicentino?

Temos vários ramos formados por leigos, em sintonia com o concílio do Vaticano II, que nos pede o protagonismo dos leigos. Temos uma Igreja hierárquica, clerical,

mas que também abre espaço para um protagonismo dos leigos. Uma igreja não se faz somente com padres, bispos e freiras. Hoje, os leigos têm um papel fundamental na Igreja.

Como envolver mais jovens nas atividades e na espiritualidade da Família Vicentina?

Primeiramente, através do convite, um convite ao jovem, proporcionando encontros, eventos e celebrações para que esse jovem se sinta tocado a participar e colocá-lo na missão para ajudar aos mais necessitados.

Quais frutos gostaria de colher ao final de seu mandato como coordenador regional?

Gostaria de trazer mais jovens para que participem, experimentem o carisma vicentino e fazer com que o carisma seja mais difundido nas dioceses e arquidioceses do estado do RJ.

Que mensagem gostaria de dirigir aos membros da Família Vicentina do Rio, neste início de caminhada?

Gostaria de agradecer o empenho de cada vicentino do RJ, de cada ramo, e chamar para caminharmos juntos, juntos em Cristo, juntos no carisma vicentino, buscando aquele horizonte de que somos uma Igreja missionária e acolhedora. Todo vicentino deve ser um bom samaritano.

Se pudesse resumir em uma frase o espírito que deseja imprimir à sua coordenação, qual seria essa mensagem para toda a Família Vicentina?

Missão e doação. ■

PARÓQUIAS JUBILARES



Ao longo do ano de 2026, padres, irmãos, seminaristas e amigos da PBCM estão em festa, agradecendo a Deus pela efeméride de 50 e 25 anos de trabalhos missionários nas paróquias de São José Operário, em Serra do Ramalho - BA, Nossa S. da Medalha Milagrosa, em Riacho Fundo II - DF, e Nossa Senhora de Fátima, no Jardim Industrial, Contagem - MG, respectivamente. A seguir, conheça um pouco da caminhada dessas três paróquias jubilares, nas palavras de Pe. Raimundo João, CM, Pe. Juarez Carlos, CM e Isabel Rocha Vieira.

Pe. Raimundo João, CM

O chão das agrovilas e as linhas do tempo

Trajetória de fé e esperança nos 50 anos da Paróquia São José Operário

Quando a equipe missionária e o povo de Deus se uniram para clamar "São José Operário, ajuda-nos a manter viva nossa história", não eram apenas palavras que formavam um tema. Estavam abrindo as páginas de um diário construído, escrito a muitas mãos, que já soma meio século de existência.

Olhar para trás é um exercício de gratidão. Tudo começou a ganhar contornos mais nítidos em 15 de setembro de 2025, o ponto de partida das celebrações do Jubileu de Ouro. Mas, para entender o presente, a memória precisou viajar no tempo até o mesmo dia de setembro de 1976. Foi ali, na Agrovila 03, que a semente foi plantada com a posse do primeiro pároco, o Padre Antônio de Moura. Cinquenta anos de uma caminhada que transformou o território.

A história, no entanto, é feita de encontros. Vinte anos após a fundação, a Providência Divina trouxe novos rostos para esse chão sertanejo. A década de 1996 foi marcada com a chegada da Congregação da Missão. Os padres Lazaristas traziam na bagagem o carisma vicentino e o desejo de caminhar junto ao povo. Sob o olhar e a benção do saudoso Bispo Dom Francisco Batistela, o Padre Paulo Eustáquio Venuto assumiu a direção da comunidade, ladeado pelo Padre Antônio Carlos Vilela Mota. Logo depois, o saudoso Irmão Miguel Maria Generoso somou suas forças a esse grupo.

Mas a missão nunca se faz de forma solitária. O sagrado feminino também fincou suas raízes ali. As Irmãs Franciscanas Alcantarinas — Benigna, Consolação e Tarcísia — chegaram com a delicadeza e a firmeza da vida consagrada, fundindo o carisma de São Francisco ao de São Vicente de Paulo. Dois gigantes da fé que, através de seus filhos sacerdotes e consagradas, se tornaram o rosto da esperança para o povo do sertão.

Os anos seguintes viraram páginas rápidas no calendário, cada um deixando sua marca. Passaram por aqui o Padre Juarez Carlos Soares, em 1997, e o Padre José do Amparo Rocha, no fechar das cortinas do século, em 1999. A virada do milênio abriu a porta para a chegada do saudoso Padre Manoel Bonfim, que deixou seu sinal de fé que fortifica o povo baiano.

O Padre João Donizete Dowbroski, seguido pela dedicação dos padres Alex Sandro, Neider, Deoclides, Geraldo Mól e Paulo José. Cada um, a seu modo, regou essa plantação. Padre Gentil e Padre José Valdo gastaram anos de suas vidas nessas estradas, assim como o Padre Erik Carvalho e a presença luminosa do Irmão Milton.

Hoje, cabe a mim, Padre Raimundo João, ao lado dos Vigários Padre Gustavo e Padre Francisco a missão de guardar e manter esse fogo aceso. Essa fé de um povo miscigenado, composto por quase 16 mil famílias vindas de todos os cantos do Brasil, que fizeram de Serra do Ramalho o seu lar. Uma gente que vive do comércio, da



educação, da lida com a terra e com o gado, e que todo mês de junho se veste de festa na tradicional vaquejada, celebrando a cultura e a vida.

Contudo, a evangelização neste chão nunca foi desassociada da realidade social. O povo daqui sabe o que é a poeira do caminho. Conhece a luta pela conquista da terra e o valor sagrado da água. É na grande Romaria da vida que os laços de amizade se refazem e o vigor se renova para enfrentar os caminhos difíceis do território.

Por isso, em comunhão com a Diocese de Bom Jesus da Lapa, na pessoa de Dom Rubival, atual Bispo Diocesano de Bom Jesus da Lapa, a nossa missão se faz ação concreta. O amor de Deus ganha forma no Projeto Informática São Vicente de Paulo (ISVIP), que hoje abre horizontes em Bom Jesus da Lapa, Sítio do Mato, Carinhonha e aqui, em Serra do Ramalho. Ganha forma também na dignidade do Projeto 13 Casas, que estende a mão a quem não tem onde morar, e no alento das cestas básicas que alimentam as famílias mais carentes do município.

Celebrar 50 anos da Paróquia e 30 anos da presença Vicentina e Franciscana Alcantarina não é apenas olhar para o retrovisor. É reconhecer que cada passo dado na poeira de Serra do Ramalho foi guiado pela Providência. As linhas estão escritas, o trajeto cultural e social está desenhado, mas a história da salvação continua viva, pulando no coração de cada missionário(a) e dos serrama-lhenses que insistem em ter fé. ■



Pe. Juarez Carlos Soares, CM

Cinco décadas de evangelização

A Caminhada da Paróquia Nossa Senhora de Fátima

Neste momento oportuno, recorro ao Salmo 92, que reza: “Como é bom agradecer ao senhor e cantar louvores ao teu santo nome! Anunciar pela manhã Vossa bondade, e o Vosso amor fiel, a noite inteira!(SL 92, 1-2).

É verdade, amados irmãos e irmãs! Nossa Igreja está em festa, celebrando os 50 anos de caminhada da nossa querida e amada Paróquia Nossa Senhora de Fátima.

Como é de se imaginar, ao recordar e celebrar 50 anos de caminhada de uma paróquia, vamos trazer à tona inúmeros acontecimentos, verdadeiros relatos de experiências profundamente humanas e de fé, uma caminhada de Igreja cheia de altos e baixos, mas, sobretudo de honra, perseverança, superação e êxitos na missão evangelizadora. Por isso, podemos dizer, sem sombras de dúvida, que celebrar os 50 anos de nossa amada paróquia é reconhecer, com profunda gratidão, a ação de Deus nessa história.

O Jubileu de Ouro não é apenas memória, lembrança de uma data, mas a celebração de uma caminhada marcada pela fé e missão a serviço do reino de Deus, ocasião propícia para tornar célebre, notória a caminhada histórica de tantas pessoas que passaram por aqui e fizeram a diferença ajudando na construção física e espiritual da nossa Igreja local.

Portanto, neste momento jubilar, temos motivos de sobra para louvarmos e bendizermos a Deus pela vida missionária vivida há tantos anos aqui neste território de missão. Foram muitas e copiosas bênçãos e graças recebidas.

É maravilhoso recordar as lutas iniciais: as celebrações nas casas, garagens, as buscas e as aquisições dos terrenos para as construções da Igreja Matriz e da obra social, a formação dos diversos grupos, pastorais e movimentos, as inúmeras lideranças formadas aqui, o aspecto celebrativo com as quase que incontáveis eucaristias e os outros sacramentos celebrados até hoje! São muitas graças e bênçãos recebidas, louvado seja Deus por tudo isso!





Quantos ministérios leigos exercidos nesta obra! Quantas vidas doadas na construção desta caminhada de fé! Quantos sacerdotes serviram aqui! A título de informação, tivemos, inicialmente, dois sacerdotes diocesanos que foram os primeiros párocos, a saber: Padre Geraldo Magela e Jair de Lima, nos anos de 1976 a 1983. Foram sucedidos pelo Padre Joaquim de Souza e Silva, CM, e mais 27 padres da Congregação da Missão, com os dois atuais, Padre Juarez Carlos Soares, CM, e atual pároco e Padre Ezequiel Alves de Oliveira, CM, atual vigário paroquial. Ao todo somamos 28 padres da Congregação da Missão, dentre eles, 12 exerceram seu ministério como párocos. Completando, portanto, 43 anos da presença missionária da Congregação da Missão aqui nesta paróquia. Louvado seja Deus!

Quantos seminaristas e diáconos fizeram seu estágio pastoral, receberam sua formação apostólica aqui? Louvado seja Deus!

Uma festa jubilar de 50 anos é, sem dúvida, um grito de alegria, de louvor e gratidão. Um tempo favorável da graça de Deus, uma ocasião propícia para renovar as energias e continuar firmes e perseverantes na sublime missão de evangelizar, de anunciar Jesus Cristo. Oh, como é sublime tudo isto! E, por isso mesmo, exige-se de todos nós uma sincera e dedicada preparação espiritual e motivação missionária.

Neste ano, a Campanha da Fraternidade nos propõe o tema “Fraternidade e Moradia”, convidando-nos a refletir sobre a moradia digna como direito fundamental para todos, iluminados pela fé e pela solidariedade. Pensamos que esse chamado da nossa Igreja do Brasil dialoga profundamente com o momento histórico que estamos vivendo como paróquia, pois, como sabem, estamos re-

formando, com a esmerada dedicação, empenho e zelo a nossa Igreja Matriz, a nossa casa material, a fim de que ela possa se tornar ainda mais visivelmente um lugar mais belo e atraente e continue favorecendo cada vez mais o nosso encontro pessoal e comunitário com Deus e de convivência fraterna entre irmãos e irmãs.

Louvado seja Deus por tudo isso! Contudo, lembramos que mais do que restaurar um prédio, a igreja física, somos chamados a renovar o coração, o entusiasmo, o zelo e a perseverança cristã para com a igreja espiritual. Enquanto cuidamos da casa material, somos também convidados a fortalecer a fraternidade, a comunhão e a responsabilidade social, voltando nosso olhar para aqueles que ainda carecem de dignidade e acolhimento. Que a reforma da nossa Igreja seja também sinal de uma comunidade viva, solidária, fraterna e missionária.

Por fim, que este jubileu seja, para todos nós, paroquianos e devotos de Nossa Senhora de Fátima, tempo de graça, renovação espiritual, missionária e do compromisso com o Reino de Deus.

Agora, amados irmãos e irmãs, querida igreja jubila-da, só nos resta rendermos um hino de ação de graças as Deus altíssimo dizendo: “rendeis graças ao senhor, porque ele é bom e o seu amor é sem fim, é eterno!”

Que Deus nosso pai misericordioso e nossa mãe, Nossa Senhora de Fátima, abrace e abençoe a cada um, em particular, hoje e sempre! ■



Isabel Rocha Vieira

Da comunidade ao Santuário

25 Anos da Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa

A Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, localizada no Riacho Fundo II, Região Administrativa do Distrito Federal, também referida neste texto como cidade, faz parte, de modo especial, da história local e da vida de seus habitantes, cujas primeiras experiências comunitárias antecedem a própria criação oficial da Região Administrativa.

Os moradores chegaram à região de forma paulatina. Uma parte deles remonta ao período da construção de Brasília, quando foi criada uma vila de funcionários na área onde hoje se encontra a Granja Modelo. Mais tarde, a partir de 1986, novos moradores chegaram à região em razão do projeto de reforma agrária denominado Combinado Agroubano de Brasília (CAUB), implantado nas áreas do CAUB I e do CAUB II.

Foi nesse contexto, portanto, que surgiram as primeiras Comunidades. Antes mesmo do parcelamento oficial da área, já havia moradores organizados e vida comunitária na região. As Comunidades nasciam da iniciativa de leigos e leigas, que se reuniam em suas casas para rezar o terço, enquanto padres de regiões próximas vinham celebrar missas e prestar assistência religiosa às Comunidades que começavam a germinar. Com o crescimento da participação, as celebrações e demais atividades religiosas passaram a acontecer também em espaços comunitários utilizados pelos moradores, até que, pouco tempo depois, essas Comunidades conquistaram seus próprios espaços.

Somente depois desse processo inicial de ocupação e organização comunitária é que a Região Administrativa foi estruturada para atender ao Programa de Assentamento do Governo do Distrito Federal. O parcelamento da área foi aprovado em 1994, e a ocupação oficial teve início em 1995. Desde então, os loteamentos foram sendo concedidos gradualmente, em sua maioria a participantes dos programas habitacionais do Distrito Federal.

No mesmo contexto de surgimento comunitário, nasceu também a Comunidade que, mais tarde, se tornaria a

Matriz, sede da Paróquia. A primeira missa dessa Comunidade foi celebrada no dia 27 de novembro de 1996, em frente a um conhecido mercado, sob a presidência do Padre José Gonçalves, pároco da Paróquia São Domingos Sávio (localizada no Riacho Fundo I). Por coincidir com a festa litúrgica de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, a santa foi escolhida como padroeira. As celebrações continuaram a ocorrer nesse local por algum tempo, sendo posteriormente transferidas para um galpão pertencente à Administração Regional do Riacho Fundo II.

Inicialmente, ergueu-se um barracão de madeira para as celebrações. Devido ao número crescente de fiéis, essa estrutura provisória passou por sucessivas ampliações em um curto espaço de tempo. Em 1999, a Comunidade expandiu-se para o terreno ao lado, local onde a igreja se encontra atualmente. Em maio de 2001, o Padre Zeca (do Centro Cultural Missionário) chegou à comunidade. Foi a partir de sua vinda que se elaborou o projeto e, algum tempo depois, iniciou-se a construção do templo em alvenaria.

Em 22 de junho de 2001, por meio do decreto nº 06/2000, foi criada a Quase-Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, sendo o Padre Zeca nomeado seu administrador paroquial na mesma data. A nova estrutura passou a integrar as seguintes comunidades: Santa Luzia (CAUB I), Nossa Senhora Aparecida (CAUB II), São Paulo Apóstolo (Granja Modelo), São Francisco de Assis (QC 2) e São Daniel Comboni (QC 6).

No primeiro semestre de 2003, após a saída do Padre Zeca, a paróquia passou a ser conduzida pelos padres da Congregação da Missão. O Padre Maurício (como pároco) e o Padre Getúlio (como vigário) iniciaram essa nova etapa, dando continuidade à construção da igreja-matriz. A atuação pastoral da Congregação, por meio destes e dos demais sacerdotes e irmãos que serviram à comunidade ao longo do tempo, foi determinante para o amplo crescimento da paróquia.



Paróquia N. Sra. da Medalha Milagrosa
Padres e Irmãos Vicentinos
Riacho Fundo II
Arquidiocese de Brasília

O Riacho Fundo II segue em contínua expansão. Com o crescimento da cidade, também cresceu entre os moradores o desejo de se reunir para rezar e celebrar perto de suas casas. Atentos a esse anseio, os padres incentivaram e organizaram o surgimento de novas Comunidades: em 2005, Nossa Senhora da Imaculada Conceição e São Vicente de Paulo; em 2010, São José; em 2015, São Bento; e, em 2018, Nossa Senhora da Rosa Mística.

A Paróquia é conhecida não apenas pela extensa área territorial que abrange, mas também pelas festas litúrgicas e socioculturais que promove, pela intensa atividade pastoral e missionária, pela atuação de suas lideranças e pela estrutura ampla e diversificada da igreja-matriz. Em cada Comunidade, a fé se expressa de modo próprio, em costumes, celebrações e formas singulares de rezar, servir e conviver; entre essas expressões, destacam-se as festas dos padroeiros, vividas com especial fervor e preparadas com zelo e devoção. É essa diversidade de rostos e vivências que dá à Paróquia sua unidade e sua beleza. Entre os momentos que mais manifestam essa comunhão, destacam-se, na igreja-matriz, o Pentecostes, celebrado desde 2011 com a bênção das velas do Pai, do Filho e do Espírito Santo; a Novena e a Festa da Padroeira, que sempre sempre contam com a participação de todas as Comunidades na liturgia; e, mais recentemente, a Missa da Graça, celebrada no dia 27 de cada mês, desde 27 de novembro de 2024, com a distribuição das medalhinhas. Além das celebrações litúrgicas, as Comunidades também promovem festas socioculturais, entre as quais se destacam as tradicionais festas juninas, muito aguardadas e frequentadas pela população do Riacho Fundo II.

A Paróquia desempenha ainda um importante papel na formação cristã e social, em busca de melhorar a vida em comunidade. Destaca-se, nesse sentido, a atuação das Conferências Vicentinas, por meio das visitas de costume, das campanhas de arrecadação e das ações sociais realiza-

das ao longo do ano, como expressão concreta de uma Igreja em saída. A igreja-matriz também sempre manteve suas portas abertas a projetos sociais promovidos pela sociedade civil e pelo poder público local voltados ao atendimento de diversas necessidades humanas, entre elas a alfabetização de adultos, a orientação jurídica, os cursos profissionalizantes, a prática de esportes e o atendimento psicológico.

Atualmente, a comunidade paroquial colhe os frutos de diversos esforços, testemunhando a construção do Santuário dedicado a Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, fruto da profecia revelada no Pentecostes de 2016. Além disso, avança a construção da Igreja Nossa Senhora de Fátima, enquanto outras Comunidades já adquiriram terrenos e imóveis para a construção ou permanência de seus templos. Tudo isso é fruto da generosidade de tantos que, ao longo dos anos, doaram-se em trabalho pastoral, braçal e intelectual, dedicando tempo e recursos, para a edificação dos templos e, mais profundamente, para a realização do Reino de Deus.

A atuação dos padres da Congregação da Missão nesta paróquia constitui um alicerce fundamental na história e no cotidiano da cidade. Ao observar os templos locais, notam-se as marcas de sucessivas construções e reformas que, em diferentes épocas, modernizaram a infraestrutura e dignificaram os espaços de celebração. No entanto, para além das edificações materiais, o trabalho pastoral desenvolvido por esses sacerdotes revela-se a verdadeira base de sustentação da comunidade de fé. A presença contínua e zelosa dos Padres da Missão não apenas preserva o patrimônio físico, mas, primordialmente, edifica o espírito dos fiéis. Tal dedicação é responsável por moldar e fortalecer a identidade cristã do povo. Trata-se, portanto, de um processo de evangelização que permanece ativo e frutífero. ■

Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado, CM

Uma radiografia histórico-social das conquistas da classe trabalhadora no Brasil

A longa e lenta trajetória de conquistas trabalhistas até o fim da escala 6x1

A história da regulamentação das leis trabalhistas no Brasil evidencia como os direitos da classe trabalhadora avançam de forma lenta, gradual e sempre sob intensa pressão social. Cada conquista trabalhista levou décadas para se consolidar, revelando a resistência histórica das elites econômicas e de setores conservadores em reconhecer limites para a exploração da força de trabalho. A luta pela diminuição da jornada de trabalho começou a ganhar força ainda no início do século XX.

Em 1917, uma Greve Geral marcou o primeiro grande movimento operário brasileiro, reunindo milhares de trabalhadores(as) que reivindicavam melhores salários, condições dignas e a jornada de 8 horas diárias. Assim, fica cada vez mais claro que cada passo positivo na história só acontece mediante lutas do povo organizado de forma consciente e ativa. Nada é dádiva de quem está nas instâncias do poder, mas conquista exaustiva das classes trabalhadoras.

Somente em 1932, mediante o Decreto nº 21.364, durante o governo de Getúlio Vargas, o Brasil instituiu oficialmente a jornada de 8 horas diárias para trabalhadores(as) do comércio. Dois anos depois, a Constituição de 1934 incorporou esse direito pela primeira vez ao texto constitucional, mediante o artigo 121. Ainda assim, a regulamentação abrangia categorias específicas e deixava grande parte da população trabalhadora à margem da proteção social.

Em 1943, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), concernente ao Decreto-Lei nº 5.452/1943, organizou a legislação trabalhista brasileira e fixou a jornada padrão em 8 horas diárias e 48 horas semanais. Apesar do avanço representado pela CLT, o modelo ainda mantinha uma carga horária extensa quando comparada às reivindicações históricas dos movimentos sindicais.

Foi apenas em 1988, com a Constituição Federal construída no processo de redemocratização do país, que a jornada máxima semanal foi reduzida de 48 para 44 horas (Art. 7º, XIII). Ou seja: foram necessários 45 anos desde a criação da CLT até a última grande redução constitucional da jornada de trabalho no Brasil.

Mesmo após a Constituição de 1988, as mudanças seguintes ocorreram muito mais no sentido da flexibilização das relações de trabalho do que da ampliação de di-

reitos. Em 2001, a regulamentação do banco de horas ampliou mecanismos de compensação de jornada. A Lei nº 10.243/2001 regulamentou a compensação de jornada mediante acordo coletivo. Já a Reforma Trabalhista de 2017 aprofundou formas flexíveis de contratação, alterando regras sobre jornada, teletrabalho e modelos como a escala 12x36 (Lei nº 13.467/2017).

Escala 6X1 - luta contra a desigualdade: Em pleno século XXI, enquanto a tecnologia avança rapidamente, ampliando automação, inteligência artificial, digitalização e produtividade, milhões de brasileiras e brasileiros continuam submetidos a rotinas incompatíveis com qualidade de vida. Em diversos setores, ferramentas tecnológicas já permitem otimizar processos, reduzir tempo operacional e aumentar eficiência. Ainda assim, os ganhos de produtividade seguem concentrados, sem conversão proporcional em mais tempo livre, descanso e bem-estar para a população trabalhadora. Direitos básicos, como descanso, lazer e equilíbrio entre vida pessoal e trabalho, continuam sendo tratados como concessões, e não como elementos fundamentais da dignidade humana.

A lentidão dessas mudanças ajuda a explicar por que modelos exaustivos, como a escala 6X1, permanecem amplamente presentes no mercado de trabalho brasileiro.

Exaustão x produtividade: Levantamento publicado em fevereiro de 2026 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) reforça aquilo que trabalhadoras e trabalhadores já sentem no cotidiano: a jornada extensa pesa principalmente sobre quem recebe menores salários. Segundo o estudo, os trabalhadores submetidos a jornadas superiores a 40 horas semanais e remuneração inferior a dois salários mínimos são majoritariamente mulheres, evidenciando-se o acúmulo entre trabalho remunerado, tarefas domésticas e cuidados familiares. O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), na nota técnica “Tempo de trabalho, Tempo de descanso: uma luta histórica”, publicada em setembro de 2025, chega à mesma conclusão. O estudo afirma que a economia brasileira está preparada para reduzir a jornada de trabalho sem perda salarial e destaca que os custos do trabalho no Brasil seguem baixos quando comparados internacionalmente.

Votação da PEC da escala 6X1 na Câmara Federal: Finalmente, a famigerada escala 6x1 deverá ser abolida no Brasil. Falta ser aprovada no Senado, mas a parte mais difícil, que era a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nos dois turnos da Câmara dos Deputados, aconteceu na quarta-feira (27/5). A PEC foi aprovada em dois turnos na Câmara, por 472 votos a favor e 22 contrários na primeira votação e 461 a 19 na segunda. Apenas os partidos Novo e Missão recomendaram a rejeição da matéria. Mas alguns deputados não se envergonharam de se ausentar da sessão. Fiquemos de olho neles e em quem votou contra o(as) trabalhadores(a)!!! O mesmo vale para os Senadores da República!!!

O texto prevê uma transição de até 14 meses para a jornada ser reduzida de 44 para 40 horas semanais e, entre outras mudanças, estabelece dois dias de repouso semanal remunerado, um dos quais deve ser preferencialmente aos domingos. O texto agora segue para o Senado Federal, onde precisará do apoio de 3/5 dos parlamentares (49 votos dos 81 senadores). Por se tratar de uma PEC, a proposta precisa ser aprovada em dois turnos nas duas Casas do Congresso, com texto idêntico em ambas. Portanto, os senadores precisam aprovar esta PEC para acabar com o regime de escravização dos trabalhadores e trabalhadoras, que é também economicamente desnecessário, como vêm demonstrando empresários que já usam uma escala menor de trabalho.

Mensagem do Presidente Lula após a votação, na Câmara Federal, do Projeto de Lei 1.838/2026:

“A aprovação do fim da escala 6x,1 com redução de jornada e sem redução de salário, pela Câmara, é uma conquista histórica e civilizatória. É um compromisso assumido pelo governo do Brasil.

Mais do que horas no relógio, estamos devolvendo aos trabalhadores e trabalhadoras o direito do convívio com a família. Ao descanso. À vida além do trabalho. As duas folgas semanais significam mais tempo para estudar, se divertir, cuidar da saúde e ver os filhos crescerem.

É uma vitória sobretudo das mulheres que, historicamente e injustamente, enfrentam jornada superior, desigual. Uma medida que só foi possível graças à imensa mobilização da sociedade.

Agradeço ao presidente da Câmara, Hugo Motta e também o apoio decisivo dos parlamentares que construíram ampla maioria na Câmara.

A proposta agora segue para o Senado. Seguiremos trabalhando intensamente pela sua aprovação definitiva”.

Isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil de salário:

A virada para 2026 representa um ganho real de renda para 15 milhões de brasileiros. A partir deste 1º de janeiro, passou a vigorar a legislação que isenta de Imposto de Renda trabalhadores e trabalhadoras que recebem até R\$ 5 mil por mês. O texto ainda prevê descontos progressivos para quem ganha entre R\$5.000,00 e R\$7.350,00 mensais, um grupo de cinco milhões de pessoas, segundo estimativas da Receita Federal. O texto foi apresentado

pelo Governo do Brasil em março de 2025, aprovado por unanimidade nas duas casas do Congresso Nacional e sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 26 de novembro de 2025 (Lei nº 15.270/2025). Isentar brasileiros que ganham até R\$ 5 mil por mês da cobrança do Imposto de Renda foi uma promessa de campanha do presidente Lula. O Governo do Brasil já havia reajustado a tabela do IR em 2023 e 2024, o que encerrou um ciclo de mais de seis anos de defasagem. Com isso, entre 2023 e 2026, a isenção total de IR chega a aproximadamente 20 milhões de brasileiros e a redução do imposto para outros 5 milhões de contribuintes.

Novo salário mínimo - A virada do ano também marca a entrada em vigor do novo valor do salário mínimo. De R\$1.518,00 em 2025, alcançou R\$1.621,00 em 2026, aumento de 6,7%. Desde 2023, o Governo do Brasil retomou a Política de Valorização do Salário Mínimo, para assegurar ganhos reais ao trabalhador. A medida, aprovada pelo Congresso e sancionada em agosto de 2023, determina que os reajustes anuais levem em conta a inflação dos 12 meses anteriores mais a taxa de crescimento real



do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo ano anterior ao vigente. Em 2022, o salário mínimo era R\$1.212,00. O valor passou para R\$1.320,00 em 2023 e, em 2024, já com as regras da Política de Valorização, chegou a R\$1.412,00. Avançou para R\$1.518,00 em 2025 e chegou agora, em 2026 aos R\$1.621,00.

Mensagem de Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, em dezembro de 2025, perante estas conquistas: “Milhões de famílias terão um dinheiro extra todos os meses. Isso vai aliviar as contas, aquecer ainda mais a economia e beneficiar o país inteiro. A Receita Federal fez os cálculos. Em 2026, esse dinheiro extra deve injetar R\$ 28 bilhões na economia. Um estímulo extraordinário para o comércio, para a indústria, o setor de serviços e o empreendedorismo, que vai gerar mais empregos, mais oportunidades e mais renda. O país inteiro vai ser beneficiado. O que hoje é desconto no contracheque vira dinheiro extra. Para viajar com a família. Comer o que mais gosta. Quitar uma dívida. Adiantar uma prestação. Comprar uma televisão com tela maior para ver a Copa do Mundo. Esse alívio no Imposto de Renda significa mais dinheiro no bolso, maior poder de compra, que significa aumento no consumo, que faz a roda da economia girar”.

O Brasil voltou a sair do “mapa da fome”

O Brasil saiu novamente do Mapa da Fome graças à combinação de crescimento econômico, redução do desemprego, valorização do salário mínimo e fortalecimento das políticas sociais. Segundo o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), o resultado foi alcançado em apenas dois anos por meio da retomada e integração de programas sociais e econômicos dentro do Plano Brasil Sem Fome. A estratégia reúne ações de 24 ministérios e amplia a renda das famílias mais vulneráveis, além de fortalecer o acesso à alimentação adequada. A saída do Mapa da Fome foi confirmada em 2025 pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO/ONU), considerando os dados do período entre 2022 e 2024. Nesse intervalo, o país reduziu para menos de 2,5% a parcela da população em risco de subnutrição.

Dados do IBGE mostram que a insegurança alimentar grave atingiu 3,2% dos domicílios brasileiros em 2024, o equivalente a 6,5 milhões de pessoas. Comparado a 2022, cerca de 26,5 milhões de brasileiros deixaram a situação de fome. De acordo com a secretária extraordinária de Combate à Pobreza e à Fome do MDS, Valéria Burity, a retomada do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan), com a reativação do

Consea (Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional) e da Caisan (Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional), foi fundamental para a construção e execução do Plano Brasil Sem Fome. Segundo ela, o programa surgiu como resposta ao aumento da pobreza, da desigualdade e da insegurança alimentar registrados nos anos anteriores.

O plano atua em três frentes principais: geração de renda e combate à pobreza; fortalecimento da produção e do acesso à alimentação; e mobilização social para o combate à fome. Entre as ações de destaque estão o aperfeiçoamento do Bolsa Família, que garantiu proteção mesmo para famílias com aumento de renda, além da geração de empregos. Entre 2023 e 2025, cerca de 2 milhões de pessoas deixaram o programa após aumentarem sua renda por meio do trabalho.

No mesmo período, o Bolsa Família beneficiou em média 20,7 milhões de famílias, com repasses de R\$ 434,7 bilhões. Outras medidas, como a valorização do salário mínimo, o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e programas de apoio ao gás de cozinha, também contribuíram para melhorar o poder de compra da população.

Na área da produção de alimentos, o governo reforçou políticas voltadas à agricultura familiar. O Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) movimentou R\$ 61,5 bilhões em crédito na safra 2023-2024. Já o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) comprou mais de 339 mil toneladas de alimentos de agricultores familiares para distribuição a organizações sociais em todo o país. O Programa Cisternas também avançou, com mais de 185 mil tecnologias de acesso à água contratadas entre 2023 e 2025, beneficiando famílias do Semiárido e da Amazônia.

Apesar do avanço, o Brasil ainda soma aproximadamente 7 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar severa, quando não há certeza sobre a capacidade familiar para garantir três refeições por dia. Já a insegurança alimentar moderada atinge 13,5% dos brasileiros, o que totaliza 28,5 milhões de pessoas. Em contrapartida, a obesidade aumentou no país entre 2012 e 2022. Agora, 45,7 milhões de brasileiros (28,1%) estão acima do peso, graças à combinação de consumo de alimentos ultraprocessados, sedentarismo e padrões de vida inadequados.

Na segunda fase do Plano Brasil Sem Fome, o foco será identificar e atender diretamente as famílias que ainda vivem em situação de insegurança alimentar, especialmente nos territórios mais vulneráveis, por meio da integração entre SUS, SUAS e Sisan.



“Melhor é a mão cheia com descanso do que ambas as mãos cheias de trabalho e aflição de espírito” *Eclesiastes 4,6*

A encíclica de Leão XIV: a IA deve servir à humanidade, e não ao poder de poucos.

No 135º aniversário da “Rerum Novarum”, o Pontífice reflete, em sua primeira Encíclica, “Magnifica Humanitas”, sobre a Doutrina Social da Igreja na era da inteligência artificial. O apelo para preservar “uma magnífica humanidade habitada por Deus”, promovendo a verdade, a dignidade do trabalho, a justiça social e a paz. Na era digital, é preciso desarmar a IA e superar a teoria da “guerra justa”, relançando o diálogo e o multilateralismo.

Nesta Encíclica, o Papa Leão XIV fala sobre a Inteligência Artificial e sua inserção no mundo. Ele nos recorda que a IA deve estar a serviço da pessoa humana e nunca das lógicas de poder. A tecnologia não é neutra: ela influencia nossa maneira de pensar, de se comunicar, de trabalhar e até de compreender a realidade, até mesmo na fé. Por isso, diante das transformações digitais, a Igreja reafirma a centralidade da dignidade humana, da verdade, da justiça social e da paz.

Ao longo dos cinco capítulos da Encíclica, o Papa propõe uma profunda reflexão sobre os desafios antropológicos, sociais e espirituais dessa era digital. Ao longo dos capítulos, retoma a Doutrina Social da Igreja à luz do Concílio Vaticano II, destacando o seu caráter dinâmico e fiel ao Evangelho; recorda os fundamentos da dignidade humana, criada à imagem e semelhança de Deus; aborda os riscos da IA e a necessidade de responsabilidade ética em todas as etapas do desenvolvimento tecnológico; propõe uma verdadeira ecologia da comunicação, baseada na verdade, na transparência e na proteção; e alerta para os perigos da cultura da potência, da guerra e das novas formas de violência mediadas pela tecnologia, reafirmando a urgência do diálogo, da paz e da civilização do amor.

Em um tempo marcado pela velocidade, pela desinformação e pela cultura da performance, nós somos chamados a preservar aquilo que nos torna verdadeiramente humanos: a capacidade de relação, de escuta, de compaixão e de amor.

Na conclusão da Carta, o Papa convida a todos a habitemos as novas tecnologias à luz do Evangelho, para que também no tempo da IA possamos testemunhar a beleza de uma magnífica humanidade habitada por Deus. ■

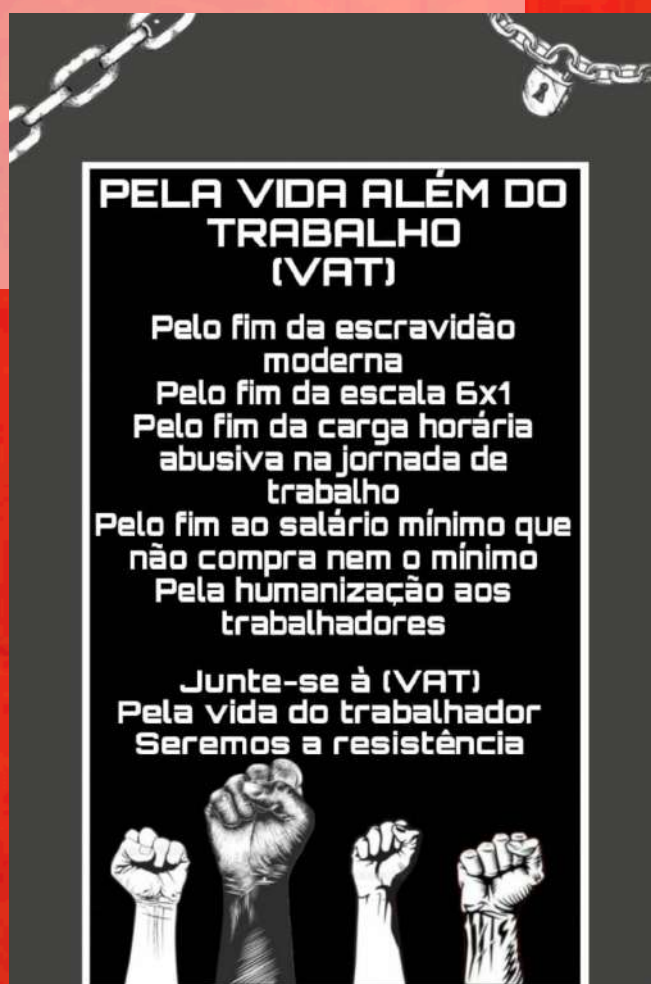
A PEC do fim da escala 6x1: o texto foi aprovado na Câmara dos Deputados e encaminhado para tramitação no Senado Federal. Veja os principais pontos:

. Nova Jornada: Redução da jornada máxima de 44 para 40 horas semanais, garantindo dois dias de descanso.

. Implementação Gradual: As empresas terão 14 meses para adaptação. A jornada será reduzida em 2 horas nos primeiros meses e, depois, mais 2 horas.

. Salário: Fica proibida qualquer redução no salário base.

OBS: O texto da Câmara exclui trabalhadores com ensino superior e renda equivalente a 2,5 vezes o teto do INSS (cerca de R\$ 20 mil). Fonte: Site oficial da Câmara dos Deputados (<https://www.camara.leg.br/>).



Diác. Amauri Moura

Virtudes vicentinas e Doutrina Social da Igreja

Simplicidade: A transparência que liberta e humaniza em vias da dignidade e do bem comum

Olá irmãos e irmãs, leitores do Informativo São Vicente de Paulo! Inspirados pelos últimos documentos do Papa Leão XIV, a Dilexi te e a Magnifica Humanitas, atrevo-me, com coração vicentino, a refletir oportunidades de enlace entre as nossas virtudes vicentinas e os princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI).

Serão pequenos textos, singelos, especulativos e propoñentes de ações que materializem virtudes e princípios. São Vicente de Paulo, nosso pai fundador, rogue a Deus Amor Uno-Trino, por nós, para que assumamos cada dia mais a DSI em nosso ser e fazer vicentinos, como expressão do Evangelho do amor concreto. Boa leitura!

A simplicidade, para São Vicente, é viver na verdade e na transparência. Essa virtude se conecta com o princípio da verdade e da dignidade humana na Doutrina Social da Igreja (DSI), promovendo relações autênticas e justas.

No pensamento vicentino, a simplicidade é a "pureza de intenção". Pe. Andres Motto, CM, destaca que Vicente combatia a duplicidade (astúcia política). Na DSI, isso se traduz na Verdade como valor fundamental.

O que diz São Vicente: Para Vicente, a Simplicidade é o "meu Evangelho". Não é ingenuidade, mas a virtude de "dizer as coisas como são", agindo com sinceridade absoluta e transparência radical. O homem simples não usa máscaras; ele é uno, íntegro, e por isso atrai os pobres, que "amam as pessoas simples e cândidas".

Concretização na Doutrina Social da Igreja (DSI): A DSI nos ensina que a Dignidade da Pessoa Humana é o fundamento de tudo. Quando somos simples, reconhecemos que o outro (especialmente o pobre) é um fim, e não um meio. A simplicidade vicentina desmonta a lógica do "assistencialismo" que coisifica o pobre. Ao mesmo tempo, ela serve ao Bem Comum porque uma relação transparente gera confiança; e sem confiança, não há comunidade nem justiça social. O oposto da simplicidade é a "astúcia mundana", que usa os mecanismos sociais para manipular e excluir.

Na prática pastoral, manifesta-se na linguagem acessível e na proximidade com os pobres. No campo social, implica ética, transparência e compromisso com o bem comum. Uma paróquia ou projeto social "simples" é aquele onde os processos são claros. Mais ainda, se exige moralmente de nós Família Vicentina.

O Bem Comum é agredido quando há "letras miúdas" ou agendas ocultas. Em um mundo de fake news e algoritmos de manipulação, a simplicidade é um ato de resistência política. É a transparência na gestão de recursos públicos e

eclesiais. Em uma sociedade marcada pela superficialidade e pela desinformação, a simplicidade torna-se resistência ética e espiritual. ■

Sugestões de Prática:

Na Pastoral: Fale a verdade, mesmo que ela custe. Não prometa o que não pode cumprir. Ao visitar uma família, seja autêntico; não use um "linguajar religioso" vazio, mas fale com o coração. A transparência na gestão dos recursos da paróquia ou conferência é um ato de simplicidade.

No Social: Ao advogar por políticas públicas, seja claro em seus interesses: você está do lado dos pobres. Evite o "jeitinho" ou a barganha suja. Um cristão simples é incorruptível porque sua riqueza é a verdade.

Integrado e integral: Implementar "Portais de Transparência", ampliando acesso às prestações de contas nas paróquias e obras sociais vicentinas e falar a linguagem do povo (evitando o clericalismo técnico).



Pe. Adriano Pires, CM

Formação para formadores

Padres de diversas províncias da CM participam de curso sobre vicentinismo na França

Entre os dias 14 de abril e 20 de maio de 2026, em Vichy (França), Pe. Eduardo e eu participamos de uma formação vicentina para formadores da CM, promovida pelo SIEV (Secretariado Internacional de Estudos Vicentinos). Participaram do curso 10 padres de diversos países (Eritreia, Colômbia, Ruanda, Índia, Indonésia, Filipinas, Chile e Brasil).

Destaco a oportunidade de aprofundar o espírito vicentino, unindo reflexão, convivência fraterna e partilha de experiências entre participantes. A partir do conteúdo apresentado, destaco essa formação como um valor determinante para os formadores, pois ajuda a ampliar a compreensão de uma missão formativa na perspectiva vicentina.

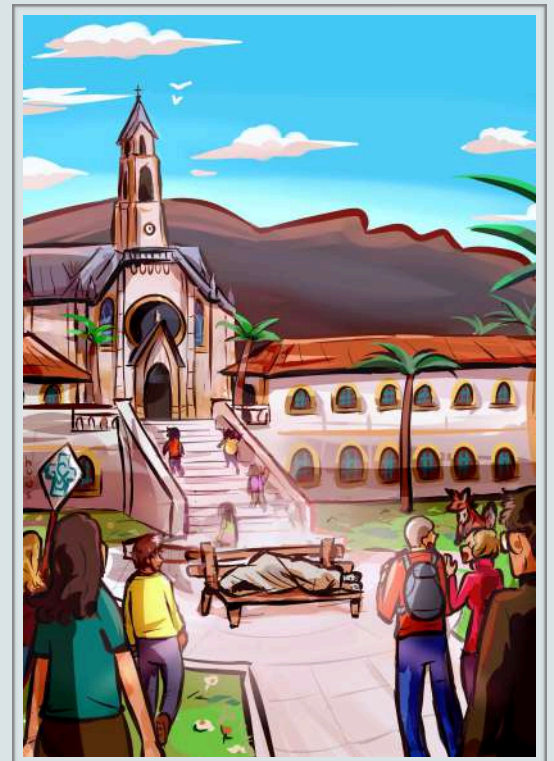
A metodologia utilizada, os temas apresentados ajudaram a compreender melhor a missão dos formadores da Congregação, fortalecendo o compromisso com uma formação humana, espiritual e pastoral mais sólida. As abordagens como um todo e o percurso proposto ajudam a fortalecer o olhar do formador para a pessoa concreta do formando, ajudando-o a unir fidelidade ao carisma e atenção aos desafios atuais.

Também foi muito valioso o ambiente de fraternidade e oração. Portanto, trata-se de uma formação necessária e muito enriquecedora, pois nos ajuda a sermos formadores mais conscientes, equilibrados e responsáveis, contribuindo para ampliar o olhar no horizonte formativo e acompanhar com maior lucidez, aqueles que são confiados a nós. ■



4ª Romaria das Juventudes Vicentinas ao Caraça

Dia 5 de setembro o Santuário do Caraça acolherá os participantes da 4ª Romaria das Juventudes Vicentinas. Com o tema “Juventudes Vicentinas: Onde há esperança, nasce a caridade. Ele veio morar entre nós”, a 4ª Romaria promete unir espiritualidade, formação e convivência. Os jovens participarão de celebrações, partilhas e atividades de integração. As inscrições vão até o dia 30 de junho. Para mais informações procurar o Pe. Ramon Aurélio, CM, ou outro integrante da comissão organizadora. ■



Mariano Lopes

Dia do ex-aluno Lazarista

Encontro oficial de associados ocorre todo último sábado do mês de maio

A AEALAC, Associação dos ex-alunos dos Lazaristas e amigos do Caraça, reúne, há 80 anos, ex-alunos dos Padres Lazaristas em quaisquer casas onde tenham desenvolvido sua ação e missão de formação e de educação. Devido à sua fundação no Caraça, em julho de 1945, e principal relacionamento com a Casa Mãe dos Lazaristas no Brasil, a administração sempre foi, majoritariamente, exercida por ex-alunos do Caraça. Entretanto, muitos egressos sobretudo dos seminários de Mariana e Diamantina sempre participaram e participam de todas as atividades da AEALAC. Não faltam, igualmente, importantes amigos do Caraça que, com espírito generoso, sobretudo nos primórdios da Associação, colaboraram, sobretudo financeiramente, para a concretização do primeiro objetivo da Associação que foi socorrer o Caraça nos tempos sombrios vividos após a Segunda Grande Guerra Mundial.

Com a mudança histórica da trajetória da Escola Apostólica do Caraça após o incêndio de 1968, também a AEALAC, necessariamente, ressignificou sua caminhada; não, porém, os laços afetivos que unem ao Caraça tanto aqueles que lá estiveram em processo de formação, quanto aqueles que, visitando a Casa da Senhora Mãe dos Homens, se encantaram com tamanha espiritualidade e acolhimento e voltam sempre. Todos somos eternamente CARACENSES.

Buscando motivos e tempos de celebração de nossa vida caracense, bem como nossa eterna comunhão com o Caraça, a AEALAC realiza, além de uma Caravana anual, geralmente em outubro, por ocasião da festa litúrgica de Nossa Senhora Mãe dos Homens, outras reuniões, em Belo Horizonte ou no próprio Caraça, cumprindo o objetivo estatutário atual da Associação que é “manter os laços de amizade entre os associados, tendo como referência o Caraça.”

Para cumprir este item estatutário, criou-se, há alguns anos, o Dia do Ex-Aluno, a ser comemorado no último sábado de maio, não celebrando o incêndio de 28 de maio, mas o aconchego do Caraça e os valores que lá construímos.

Assim foi que, no último dia 30 de maio, reuniram-se algumas dezenas de associados da AEALAC, contando com ex-alunos das turmas de 1946 a 1965, familiares e amigos, para um dia de oração e confraternização. Com a presidência do Padre Eli Chaves e concelebração do Padre Sebastião Carvalho, celebramos a Solenidade da Santíssima Trindade, com um canto gregoriano que nos eleva o espírito e nos faz remontar aos áureos tempos de Caraça, Petrópolis, Diamantina, Mariana. Após o alimento em torno da mesa eucarística, um almoço generoso relembrando e confirmando nossa fraternidade.

Esses encontros, além da confirmação perene de nossa amizade, nos fazem refletir profundamente, à luz da espiritualidade de São Vicente de Paulo, sobre os valores construídos em nosso tempo de formação e postos em prática vida afora, bem como manifestar gratidão à Congregação da Missão, relembrando cada Lazarista que participou de nossa formação.

Neste último encontro, o ex-aluno José Pedro A. Araújo Silva apresentou o último rebento de sua veia de prosador e poeta, o livro “O Caraça na história de Minas Gerais”, mostrando o Caraça como “História viva. Foi casa de missionários, colégio renomado, seminário e centro de cultura. Ali, gerações de mestres dedicados formaram cidadãos que marcaram Minas e o Brasil, unindo educação, religião e humanismo em um legado que atravessa séculos”, além de preparar centenas de jovens, futuros sacerdotes, continuadores do ideal de São Vicente de Paulo na Congregação da Missão. ■



DICA DE FILME:**MANAS**

Direção: Mariana Brennand

Lançamento: 2025

Disponível na Globoplay

Entre os lançamentos recentes do cinema brasileiro, *Manas* se destaca pela forma sensível com que aborda uma realidade pouco retratada nas telas. Dirigido por Mariana Brennand em sua estreia nos longas-metragens, o filme acompanha a trajetória de Marcielle, ou Tielle (Jamilli Correa), uma adolescente de 13 anos que vive em uma comunidade ribeirinha da Ilha do Marajó, no Pará.

Criada em meio a histórias que alimentam o sonho de um futuro diferente, a jovem cresce admirando a irmã mais velha, que deixou a região anos antes. No entanto, o contato cada vez mais próximo com a realidade de sua comunidade faz ruir muitas de suas idealizações. Diante de um ambiente marcado por relações abusivas, silêncios e poucas perspectivas de mudança, Tielle é levada a tomar decisões que desafiam a lógica de submissão presente ao seu redor.

O grande mérito da diretora está em conduzir essa narrativa sem recorrer a excessos dramáticos. Embora trate de temas duros e dolorosos, o filme evita o apelo fácil e concentra sua atenção na experiência da protagonista, em seus dilemas, descobertas e formas de resistência. O foco não está apenas na denúncia, mas na humanidade de quem enfrenta essa realidade diariamente.

Ao longo da trama, também ganham espaço elementos importantes da vida local, como a religiosidade popular, a forte ligação com a natureza e as tentativas, muitas vezes insuficientes, de intervenção de agentes externos em um contexto social complexo. Esses aspectos ajudam a construir um retrato consistente de uma comunidade atravessada por desigualdades e por estruturas que se perpetuam ao longo do tempo.

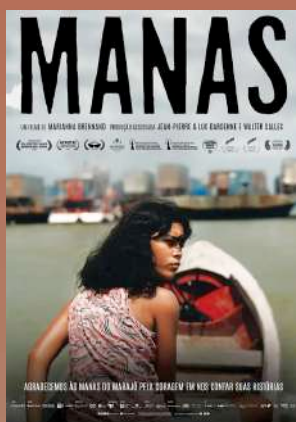
Visualmente, *Manas* aposta em uma fotografia de tons discretos e atmosfera contida, que reforça a densidade emocional da narrativa. O trabalho de som complementa essa proposta, ampliando a força de cenas em que aquilo que permanece fora do enquadramento se torna tão significativo quanto o que é mostrado.

A interpretação de Jamilli Correa merece destaque. Com uma atuação marcada pela naturalidade, a jovem atriz transmite a força e a vulnerabilidade de sua personagem sem recorrer a exageros, sustentando boa parte do impacto emocional da obra. O restante do elenco acompanha essa proposta, contribuindo para uma narrativa centrada nas pessoas e não apenas nos acontecimentos.

Sem idealizações ou romantizações, *Manas* apresenta uma história de amadurecimento atravessada por desafios profundos, mas também por coragem e esperança. O resultado é um filme consistente, emocionante e necessário, capaz de provocar reflexão sobre realidades frequentemente invisibilizadas no país.

Mais do que contar a história de uma jovem amazônica, *Manas* contribui para ampliar o debate sobre uma realidade dolorosa que ainda afeta milhares de crianças e adolescentes brasileiros: o abuso sexual dentro do próprio ambiente familiar. Embora frequentemente silenciado, esse tipo de violência permanece entre as violações de direitos mais recorrentes no país. Ao levar o tema para as telas com responsabilidade e profundidade, o filme ajuda a romper barreiras e convida o público a refletir sobre a importância da proteção integral de crianças e adolescentes.

Outro aspecto relevante da obra é a perspectiva adotada por sua realizadora. Mariana Brennand desenvolveu o projeto a partir de uma extensa pesquisa de campo, ouvindo relatos e conhecendo de perto a realidade de comunidades da região amazônica. Essa escuta atenta se reflete na construção da narrativa, que evita julgamentos simplistas e busca compreender a complexidade das relações humanas retratadas. O resultado é um filme que transmite autenticidade sem abrir mão da delicadeza necessária diante de um tema tão sensível. Em vez de explorar a violência como espetáculo, a narrativa privilegia a dignidade das personagens e a compreensão de seus processos de sobrevivência e superação. ■



Dica de Livro: Meus dizeres e fazeres em torno de Paulo Freire

Autor: Ana Maria Araújo Freire

Editora: Paz e Terra

Nita e Paulo Freire foram casados por dez anos, período em que ela acompanhou a escrita de *Pedagogia da autonomia* – um dos títulos mais lidos do educador – e no qual apoiou seu marido na produção de outros três importantes livros: *Pedagogia da esperança*, *Cartas a Cristina* e *À sombra desta mangueira*. Por comungar da intimidade intelectual e pessoal de Paulo Freire por tantos anos, o caminho natural, após seu falecimento, foi desdobrar sua dedicação de esposa numa missão que tomou para si com muito orgulho: a difusão do pensamento freireano. A autora possui vasta produção intelectual nesse sentido, tendo sido finalista do Prêmio Jabuti, em 2007, com a biografia *Paulo Freire: uma história de vida*. Além disso, vem organizando volumes póstumos, além de diversos títulos em torno da leitura de mundo e a maneira de ser e pensar de Paulo Freire. (sinopse da editora) ■



"Nunca vi um tolo que se considerasse menos do que sábio... Se um tolo se percebe como tolo, isso não é tolice, mas uma pequena faísca de inteligência."

- São Thomas More



Provincia Brasileira da
Congregação da Missão

INFORMATIVO SÃO VICENTE

Sugestões e contribuições: informativo@pbcm.org.br



LAZARISTASBRASIL